



## INFORMAÇÃO, CONHECIMENTO OU SABER: O QUE É VEICULADO PELA INDÚSTRIA CULTURAL?

Sinara Rosa Carvalho e Silva – [sinaraedu@yahoo.com.br](mailto:sinaraedu@yahoo.com.br)

Universidade Federal de Goiás – Campus Jataí

### Resumo

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa bibliográfica a respeito da temática da indústria cultural, cujo objetivo era de refletir a respeito das veiculações da mesma, de modo a compreender se se dão como informações simplesmente, ou se são lançadas como possibilidade de conhecimento ou saber. Inicialmente o texto aborda o conceito de indústria cultural, elaborado por Adorno e Horkheimer na obra *Dialética do Esclarecimento* de 1947. Como mecanismo ideológico manipulador, a indústria cultural inculca valores e ideais através das informações que veicula, conduzindo os homens num decurso de permanente engano. Num segundo momento tratou-se da distinção entre informação, conhecimento e saber apresentada por Denis de Rougemont. Segundo o autor informação não é saber, e apenas este tem como finalidade a melhoria da condição da vida humana. A discussão final discorre sobre a possibilidade dos homens alcançarem o saber num contexto de crescente desenvolvimento da tecnologia. Em um diálogo estabelecido entre Adorno, Horkheimer e Rougemont entende-se que o acúmulo de informações pode significar uma ameaça a condição humana.

**Palavras-chave:** informação; *conhecimento*; *saber*

**Área Temática:** Fundamentos da educação, políticas e gestão

### I- Introdução

O presente trabalho é resultado de uma pesquisa bibliográfica a respeito da temática da indústria cultural, cujo objetivo é refletir a respeito das veiculações da mesma, de modo a compreender se se dão como informações simplesmente, ou se são lançadas como possibilidade de conhecimento ou saber.

Inicialmente o texto aborda o conceito de indústria cultural, elaborado por Adorno e Horkheimer na obra *Dialética do Esclarecimento* de 1947. Portanto, indústria cultural é mecanismo ideológico manipulador e estratégia para a dominação. Seus produtos e

informações manipulam as motivações, os desejos e os esforços. Por conseguinte, os sujeitos reduzidos a consumidores enredam-se num decurso de engano permanente. Segundo Adorno “o consumidor não é rei, como a indústria cultural gostaria de fazer crer, ele não é sujeito dessa indústria, mas seu objeto” (ADORNO, 1987, p.288).

Num segundo momento, tratou-se da distinção entre informação, conhecimento e saber apresentada por Denis de Rougemont (1983). Segundo o autor a incapacidade de pensar sobre os fins e o uso crescente da tecnologia denota a ausência de saber, apesar da informação abundante, o que não é contraditório, já que “informação não é saber” (ROUGEMONT, 1983, p.28). O contato com a máquina não poderá alterar tal situação, uma vez que o computador não pode formar espíritos, pois “não se ensina aquilo que se sabe, mas aquilo que se é. O computador sabe muitas coisas, pode mesmo saber tudo, mas ele não é. Ele é incapaz de formar os espíritos, não tendo finalidade a propor-lhe” (ROUGEMONT, 1983, p.32).

A discussão final, um diálogo estabelecido entre Adorno, Horkheimer e Rougemont, discorre sobre a possibilidade dos homens alcançarem o saber num contexto de crescente desenvolvimento da tecnologia. Para Rougemont (1983, p.34) não seria o caso de banir a técnica, pois “[...] é muito tarde para isso. Não se pode desinventar nada”. Mas, é necessário, e possível, vinculá-la política e eticamente à finalidade de vida humana.

Faz-se imprescindível pensar a relação entre técnica e poder. “O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.114). Portanto, usar as técnicas de ponta ao máximo, em tudo que pareça possível (ROUGEMONT, 1983, p.25), mas ultrapassar o ritmo insano do capitalismo que impõe à vida, padrões de morte.

## **II- Resultados**

Para melhor apresentação dos resultados a pesquisa formaliza-se em três tópicos, a saber: Indústria cultural; Informação, conhecimento e saber e Sábios de ilusão.

### **2.1 INDÚSTRIA CULTURAL**

Termo cunhado por Adorno e Horkheimer em *Dialética do Esclarecimento* de 1947, indústria cultural traz à tona a ambígua interpretação atribuída a expressão cultura de massas. Esta poderia ser entendida como “uma cultura surgindo espontaneamente da própria massa” (ADORNO, 1987, p.287), ou ainda como uma forma de produção cultural

dirigida à massa, ou seja, produtos adaptados ao consumo da massa e que, ao mesmo tempo, determinam este consumo.

O questionamento sobre a expressão provoca a necessidade de desvelar qual seria a melhor conceituação para o substantivo massa, quando colocado ao lado de cultura. Segundo Adorno e Horkheimer (1973) a massa é constituída por um grupo de pessoas, é a comunhão entre “muitos iguais que podem se identificar entre si e um indivíduo superior a todos os demais” (FREUD, 1940-1952 apud ADORNO E HORKHEIMER, 1973, p.84). Em massa os indivíduos são guiados, pelo prestígio do superior, a uma espécie de irracionalidade, donde originará comportamentos coletivos “específicos das massas [...] nas quais os seguidores de alguns líderes sustentam com entusiasmo interesses que, com freqüência, são violentamente opostos à sua razão” (ADORNO E HORKHEIMER, 1973, p.79).

A personalidade consciente tende a desaparecer, [sujeitando-se ao] predomínio da personalidade inconsciente, orientação por sugestão e contágio de sentimentos e idéias que apontam numa só direção, tendência para converter em atos as idéias sugeridas. O indivíduo deixa de possuir um eu, ele passa a ser um autônomo destituído de vontade própria (LEBON, 1919 apud ADORNO e HORKHEIMER, 1973, p.81).

A indústria cultural não se restringe ao domínio das técnicas de comunicação, já que as emprega para manipulação ideológica. O conformismo que engendra “[...] não faz mais do que produzir ou ampliar as predisposições para uma submissão ideológica, a qual encontra seu objeto na ideologia apresentada pela comunicação de massa às vítimas, conscientes ou inconscientes” (ADORNO e HORKHEIMER, 1973, p.87).

A manipulação que conduz cada um dos indivíduos é imperceptível à massa. Esses, destituídos de autonomia, empenham uma corrida desenfreada para a satisfação de suas vontades e, embora tenham a ilusão de satisfação, são seduzidos e liderados para a submissão e conformismo. Destarte a indústria cultural veicula e inculca os ideais capitalistas e faz a massa caminhar por eles, sedenta de satisfação, a qual nunca alcançará.

A indústria cultural não cessa de lograr seus consumidores quanto àquilo que está continuamente a lhes prometer. A promissória sobre o prazer, emitida pelo enredo e pela encenação, é prorrogada indefinidamente: maldosamente, a promessa a que afinal se reduz o espetáculo significa que jamais chegaremos à coisa mesma, que o convidado deve se contentar com a leitura do cardápio (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.130-131).

A mídia, veículo de expressão da indústria cultural executa brilhantemente a tarefa de inculcar seus valores e ideais. Através do discurso do produto, que não é o próprio, mas o que se diz dele, o produto é oferecido gerando a necessidade de consumo. Ao

oferecê-lo, vendem-se representações. A coisa em si não é dada, mas um significado, uma imagem agregada ao consumo de determinado item, um sistema de sinais que manipula a consciência.

Busca-se no estilo, oferecido pela representação do produto, a possibilidade de realização, embora a “indústria cultural [o tome] como equivalente estético da dominação” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.122).

Os grandes artistas jamais foram aqueles que encarnaram o estilo de maneira mais íntegra e mais perfeita, mas aqueles que acolheram o estilo em sua obra como uma atitude dura contra a expressão caótica do sofrimento, como verdade negativa. No estilo de suas obras, a expressão conquistava a força sem a qual a vida se dilui sem ser ouvida (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.122).

O estilo é caricatura à indústria cultural. Metamorfoseando-o, vende-se cultura em volumes encadernados com a obra de Shakespeare (devidamente resumidos e com linguagem acessível a todos!). A educação em uma bela enciclopédia (que normalmente acompanha um DVD!) com as teorias de todos os clássicos do pensamento ocidental. A arte como reprodução (de pequena tiragem!) de Picasso. A linguagem em um bombardeio de gírias e metamorfoses da língua. A beleza em frascos que prometem emagrecer (caso se chegue vivo a última pílula!). A família ideal em um pote de margarina. A feminilidade em um vestido semelhante ao da atriz de folhetim. A masculinidade em uma lata de cerveja. A sensualidade em uma lingerie.

Para a indústria cultural a produção, mesmo as criações do espírito, não é motivada pelo conteúdo da obra, mas segundo o princípio de sua comercialização (ADORNO, 1987, p.288). A cultura, que resistiria a subserviência do homem, põe-se, via indústria cultural, como integrada e integradora de sua condição esclerosada.

Portanto, indústria cultural é mecanismo ideológico manipulador e estratégia para a dominação. Seus produtos e informações manipulam as motivações, os desejos e os esforços. Por conseguinte, os sujeitos reduzidos a consumidores enredam-se num decurso de engano permanente. Segundo Adorno “o consumidor não é rei, como a indústria cultural gostaria de fazer crer, ele não é sujeito dessa indústria, mas seu objeto” (ADORNO, 1987, p.288).

## **2.2 INFORMAÇÃO, CONHECIMENTO E SABER**

Ao analisar o desenvolvimento da informática e seus processos Rougemont (1983) reflete sobre a relação dos meios disponibilizados ao homem pelo desenvolvimento da tecnologia e os fins que busca alcançar. Tal estudo não visa, apesar de contemplar, a

análise da informática na sua problemática imediatamente comprovada, “mas as suas relações com os processos de pensamento, com os valores éticos e espirituais, com a formação cultural e com a educação das gerações futuras” (ROUGEMONT, 1983, p.23).

O autor questiona quais seriam as finalidades reais que se procuram com o desenvolvimento tecnológico, especialmente da informática, chamada por ele de revolução por metáfora. Tendo nascido para a guerra, parece não ter se desenvolvido para incitar a paz, a felicidade, o equilíbrio, a liberdade e a responsabilidade das pessoas (ROUGEMONT, 1983, p.25). Entretanto,

[...] eles vêm de início somente as facilidades e os poderes que disso lhes pode advir, e não os perigos e menos ainda as responsabilidades aumentadas que isso institui. Vêm somente a inovação – efêmera por definição – recusam prever os males, freqüentemente irreversíveis, que poderiam ser o seu preço (ROUGEMONT, 1983, p.26).

Rougemont (1983) reconhece as evidentes possibilidades de utilidade da informática, bem como do desenvolvimento tecnológico para benefício da vida humana, especialmente em áreas como engenharia e saúde. Entretanto, enfatiza a responsabilidade humana de propor questões a esta temática. O autor discorre mais amplamente sobre os perigos e possíveis riscos que oferece a humanidade, do que sobre suas vantagens, pois considera “ainda possível alterar a atenção dos responsáveis” (ROUGEMONT, 1983, p.23).

A fim de compreender a ambivalente natureza da inovação tecnológica e seus alcances o autor propõe a definição de seus termos basilares. A tríade *news*, *data*, e *knowledge*, que em português corresponde a dados (permanente), notícias (do dia) e saber (integrado) é apresentada como ponto de partida para tal reflexão.

Para Rougemont (1983) informação, desde Aristóteles, é ação de informar, “*formação* pelos dados de fatos observados e pelas experiências vividas, integrados na memória do indivíduo” (ROUGEMONT, 1983, p.27, grifo do autor). No contexto de *mass media*, de massificação cultural, tomou sentido de notícia do dia – *data + news* – passivo acúmulo de dados. Informar não é mais formar o espírito, ao contrário, pode até mesmo deformá-lo.

Conhecimento, neste contexto, diz das informações sistematizadas, estocadas nos cérebros ou nos computadores geridos pelo homem, que se perde de si mesmo, pois não mais conhece por meio de experiências vividas e sim de informações estudadas e processadas mecanicamente. Portanto, conhecer não redundava em saber, que seria o exercício do conhecimento com a finalidade de melhoria da vida humana, possível apenas ao homem, uma vez que a máquina não é capaz de imputar juízos ao que conhece.

Uma das principais razões da desorientação em que nos lançam os recentes desenvolvimentos da tecnologia das ciências químicas, físicas e biológicas em geral consiste em nossa inaptidão para ligar nossos meios com os nossos fins, para subordinar os primeiros aos segundos, para verificar ininterruptamente sua conveniência e sua incompatibilidade, e para avaliá-los globalmente em relação aos fins últimos do homem (ROUGEMONT, 1983, p.26).

A incapacidade de pensar sobre os fins e o uso crescente da tecnologia denota a ausência de saber, apesar da informação abundante, o que não é contraditório, já que “informação não é saber” (ROUGEMONT, 1983, p.28). O contato com a máquina não poderá alterar tal situação, uma vez que o computador não pode formar espíritos, pois “não se ensina aquilo que se sabe, mas aquilo que se é. O computador sabe muitas coisas, pode mesmo saber tudo, mas ele não é. Ele é incapaz de formar os espíritos, não tendo finalidade a propor-lhe” (ROUGEMONT, 1983, p.32).

O desenvolvimento da informática, portanto, compreende somente a informação, que não é sinônimo do saber que uma pessoa pode agregar. “A informação não nos diz o que está ou não de acordo com os grandes fins que as religiões atribuem à humanidade a paz, a liberdade, o amor” (ROUGEMONT, 1983, p.26).

Certamente não é a técnica que devemos tornar responsáveis por estes progressos contra o fim proposto, mas antes a uma sociedade que recusa encarar as transformações radicais (principalmente na divisão dos lucros), os quais seriam, sem dúvida nenhuma, necessários para que a inovação desenvolva seus efeitos benéficos para a totalidade da espécie humana (ROUGEMONT, 1983, p.26).

## 2.3 SÁBIOS DE ILUSÃO

A indústria cultural não permite o contato direto dos indivíduos com sua realidade, pois se coloca como mediadora entre o homem e o que o cerca. Tal interpolação é presente também na relação do indivíduo com o saber. A experiência cotidiana não basta, uma lógica externa lhe é conferida. Trata-se de um modelo estereotipado e categorizado, como nas contemporâneas novelas televisionadas.

Democrático, o rádio transforma-os a todos em ouvintes, para entregá-los autoritariamente aos programas, iguais uns aos outros, das diferentes estações. Não se desenvolveu nenhum dispositivo de réplica e as emissões privadas são submetidas ao controle (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.114-115).

Segundo Adorno (1987, p.292) “o espírito da indústria cultural, que podemos chamar sem receio de ideologia”, tem a pretensão de oferecer ao homem, num mundo

inquestionavelmente caótico, alguns critérios que serviriam à sua orientação em meio ao caos.

A ideologia contemporânea é o estado de conscientização e não-conscientização das massas como espírito objetivo, e não os mesquinhos produtos que imitam esse estado e o repetem, para pior, com a finalidade de assegurar a sua reprodução. A ideologia, em sentido estrito, dá-se onde regem relações de poder que não são intrinsecamente transparentes, mediatas e, nesse sentido, até atenuadas (ADORNO e HORKHEIMER, 1973, p.193).

Neste contexto o conhecimento se dá apenas com base em informações que se afirmam e repetem nos produtos da indústria cultural, distanciando o indivíduo da possibilidade de saber. Isso porque para se chegar a sabedoria é necessário experienciar a existência humana.

Deste modo, recolhidos à informação, os homens se fazem sábios de ilusão. Apesar de se acreditarem “competentes em muitas coisas, enquanto que são, na maioria das vezes, incompetentes; insuportáveis, além disso, [...] em lugar de serem sábios, terão se tornado apenas sábios de ilusão” (ROUGEMONT, 1983, p.33). Perderam sua autonomia e particularidade, pois são conduzidos em massa, guiados para o consumo.

Segundo Adorno e Horkheimer (1985, p.116) “reduzidos a um simples material estatístico, os consumidores são distribuídos nos mapas [...] em grupos de rendimentos assinalados por zonas vermelhas, verdes e azuis”. Torna-se grande público submetido ao crescente poder do estado central, que automatiza a relação com o indivíduo, pelo fichamento de cada cidadão (ROUGEMONT, 1983, p.24) em um sistema que os vigia, controla e pune.

Enredam-se na teia do desenvolvimento tecnológico, potencializador de informações, que segundo Rougemont (1983, p.30) tornam-se inúteis, negativas e até mesmo tóxicas à capacidade humana de armazená-las. A predominante análise do desenvolvimento tecnológico escamoteia a ambigüidade das relações com a máquina, e os indivíduos ingerem-se em contextos de perigo, ou antes, riscos, frente às exaltadas vantagens da informática.

Dentre os riscos que correm está o de perder o tempo necessário à vida. A rapidez da qual se vangloria o computador não é capaz de suprir a necessidade de contemplação humana, as soluções instantâneas da máquina “tornam-se um fator destrutivo de tudo aquilo que requer um trabalho de assimilação, de digestão, de integração ou de apropriação” (ROUGEMONT, 1983, p.31). Adestrado, o indivíduo não é capaz de se concentrar em obras de reflexão e fruição que requeiram maior período de apreciação. Os processos espirituais e mentais esmorecem-se em segundos.

Na sociedade inteiramente informatizada que prepararam para nós, é o sabor da vida que o homem não terá mais o tempo de saborear, e que não poderá mais ser-lhe restituído, mesmo ao preço de bilhões de bites de segundos. Até o dia em que a humanidade [...] ‘descobrirá este luxo inaudito: a lentidão no meio do silêncio’ (ROUGEMONT, 1983, p.31).

“É de se temer uma certa ‘robotização’ dos espíritos”, segundo Rougemont (1983, p.31) isto poderá acontecer porque os homens tendem a se reduzir ao racional, limitando-se à racionalidade da informática. O desenvolvimento da técnica entrou na vida cotidiana e a condiciona, conferindo ao dia-a-dia caráter instrumental que se instala na mente humana e faz com que os homens se portem segundo as informações das máquinas. “O espectador não tem necessidade de nenhum pensamento próprio, o produto prescreve toda reação. [...] Toda relação lógica que pressupunha um esforço intelectual é escrupulosamente evitada” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.128).

Ao homem é negada a possibilidade de refletir, de tomar o processo de conhecimento como construção, as informações de que necessita lhe são dadas tecnicamente, fazendo-o entrar numa realidade reduzida ao racional. A técnica comunica o que é comum a todos os homens, não permite transgressão, criatividade, subversão diante do poder constituído. Instala-se “um conformismo racional-materialista, e a perda de todo espírito de resistência aos estados-maiores das potências estado-nacionais ou industriais, comerciais ou bancárias [...]” (ROUGEMONT, 1983, p.31).

Os produtos da indústria cultural seguem esta mesma lógica. Oferecem respostas prontas, esvaziando os sujeitos da possibilidade de saber, visando à permanência da ordem estabelecida.

Uma ordem objetivamente válida que se quer impingir aos homens porque eles estão privados dela, não tem nenhum direito, se ela não se fundamenta em si mesma e no confronto com os homens; e é precisamente isso o que todo produto da indústria cultural rejeita. As idéias de ordem que ela inculca são sempre a do *status-quo*. Elas são aceitas sem objeção, sem análise, renunciando à dialética, mesmo quando elas não pertencem substancialmente a nenhum daqueles que estão sob sua influência (ADORNO, 1987, p.293).

A sociedade da informação é também vulnerável, segundo Rougemont (1983, p.34) isto ocorre porque os homens não têm controle sobre o processo de construção do conhecimento. Contentam-se com respostas prontas, não conhecem o caminho para sua elaboração. A possibilidade de aprendizagem e sabedoria tem sido gradativamente substituída pelo acesso aos arquivos armazenados na memória dos computadores.

Assim como não sabem calcular sem calculadoras, não se lembraram de nada sem os computadores. Indefesos diante de todo o imprevisto. [...], de



tal forma que, se uma falha central ou geral reduzisse ao silêncio as redes de informação, o homem se encontraria incapaz de refazer a indústria, e desarmado diante da natureza (ROUGEMONT, 1983, p.34).

Os homens tornam-se indefesos ante a própria existência, frágeis, dependem de redes inanimadas de informações para gerir a sua vida. Mas, apesar de não terem nem sequer controle sobre si mesmos, empreendem uma cambaleante corrida por satisfação e realização pessoal. Buscam-nas nos produtos e informações ofertados pela indústria cultural, porém, não as alcançará, pois “a lei suprema é que eles não devem a nenhum preço atingir seu alvo, e é exatamente com isso que eles devem, rindo, se satisfazer” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.132).

A indústria cultural garante a fidelização de sua clientela oferecendo-a um permanente simulacro de satisfação. A simulação da realização frustrada e a busca permanente por saciedade faz eclodir uma situação de descontentamento, ansiedade e instabilidade, não aleatória ou ocasional, mas constante. Estabelece-se um ciclo alicerçado na não realização do desejo apesar da dita possibilidade via consumo das produções da indústria cultural.

A ideologia se esconde no cálculo da probabilidade. A felicidade não deve chegar para todos, mas para quem tira a sorte, ou melhor, para quem é designado por uma potência superior – na maioria das vezes a própria indústria do prazer, que é incessantemente apresentada como estando em busca dessa pessoa (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.132).

Não há satisfação, pois não há experiência humana, ao contrário, há um embrutecimento decorrente do acúmulo de informações, quando na corrida por realizações individuais. Tal realidade representa grande ameaça à humanidade, pois o fim não é a melhoria da vida dos homens. A crescente e constante veiculação de informações, desprendidas do saber, não permite nem mesmo enxergar quais seriam esses fins. Portanto,

é moralmente perigoso aumentar os poderes materiais do homem que ele irá seguramente colocar a serviço de suas paixões de poder sobre outrem e de destruição, se não lhe aumente *ao mesmo tempo* os poderes do espírito ao serviço dos fins últimos da pessoa, por conseguinte, de sua liberdade de obedecer à sua vocação particular (ROUGEMONT, 1983, p.28, grifos do autor).

Não seria o caso de banir a técnica. Segundo Rougemont (1983, p.34) “é muito tarde para isso. Não se pode desinventar nada”. Mas, é necessário e possível vinculá-la política e eticamente a finalidade de vida humana. Faz-se imprescindível pensar a relação entre técnica e poder. “O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade” (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.114). Portanto, usar as técnicas de ponta

ao máximo, em tudo que pareça possível (ROUGEMONT, 1983, p.25), mas ultrapassar o ritmo insano do capitalismo que impõe à vida, padrões de morte.

Apesar de intensa, tal prescrição não é inevitável, há que se girar a roda da história e para tanto, não se pode esquecer jamais da ambivalência inevitável em todas as tecnologias. Vive-se na era do desemprego, enquanto a revolução técnica da automatização devia conduzir à era do lazer. A despeito da abundância anunciada pela produtividade da indústria, há no mundo penúria e fome. As faculdades da memória, julgamento e criação vêm-se atrofiadas apesar da proposta da informática de pensar mais rápido que o homem, por ele mesmo. Vê-se que a metafórica revolução técnica da informação multiplicou uma espécie próspera de débeis mentais eficazes (ROUGEMONT, 1983).

[...] a dominação técnica progressiva, se transforma em engodo das massas, isto é, em meio de tolher sua consciência. Ela impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente (ADORNO, 1987, p.295).

Conformados e afinados ao espírito dominante, os homens são impedidos de diferenciação e autoconsciência, “[...] o sistema da indústria cultural reorienta as massas, não permite quase a evasão e impõe sem cessar os esquemas de seu comportamento. [...] O comportamento que ela transmite está longe de ser inofensivo” (ADORNO, 1987, p.294). Tem como fim último, não o saber para a liberdade e responsabilidade, mas a dependência e servidão dos homens.

Segundo Rougemont (1983, p.29) é mister retomar o controle sobre a revolução da informática a partir do questionamento de seus possíveis efeitos em caso de total sucesso. É necessário ainda “afastar deliberadamente toda inovação em que uma de suas condições de sucesso se anunciasse incompatível com a liberdade da pessoa humana”. Recusar a concentração sempre crescente de poder “em detrimento da autonomia das comunidades [...] e da participação dos cidadãos na sua gestão”.

Seria indispensável também que as indústrias partissem das necessidades existentes e não das possibilidades da tecnologia, o que poderia corroborar para a reversão da eminente escassez dos recursos naturais. Igualmente cogente evitar a técnica que se intitula notável progresso, até que não se tenha nenhuma dúvida quanto a sua segurança. Além do que não permitir demasiada dependência que levaria a excessiva vulnerabilidade (ROUGEMONT, 1983, p.29).

Recusar, refutar ativamente o ponto de vista imperialista da *informatização geral* da sociedade. Confinar a informática aos *limites* que lhe são impostos, em verdade por sua definição científica e sua utilidade” (ROUGEMONT, 1983, p.35, grifos do autor).

Crivar a inovação técnica, segundo os critérios acima referidos, dentre outros que seriam possíveis, é algo que pode e deve ainda ser feito. Deste pouco pode depender, de acordo com Rougemont (1983), o destino da civilização ocidental. Isso por que

a técnica em si é neutra, instrumento ao serviço do homem, de todo homem, do que há de bom e de mau nele. Mas com efeito, o mau tem pouco mais de ocasiões de aproveitar essa neutralidade do que o bom. Porque a técnica tem por função *facilitar* nosso esforço e multiplicar-lhe os efeitos. Ora, o mal é mais fácil de ser feito do que o bem. Passado um certo limite quantitativo, certos efeitos do mal podem se tornar irreversíveis, portanto, mortais (ROUGEMONT, 1983, p.34, grifos do autor).

Constatada esta realidade, pode-se conjecturar que o desprendimento do domínio da técnica pode ser ao homem possibilidade de retomar seus atributos humanos. Para tanto há que se desvelar o que não se põe a vista, libertar-se das limitações das informações que são, em grande medida, veiculadas pela indústria cultural e impossibilitam o saber, pois estas fazem os sujeitos sábios de ilusão, orientando-os por uma espécie de saber simulado.

### III- CONCLUSÕES

A indústria cultural veicula informações prontas e atualizadas o tempo todo, gerando um contentamento generalizado por parte dos espectadores que as recebem constantemente. Engolindo-as, nem sequer percebem que estão sendo conduzidos, dominados, dirigidos por caminhos que convêm aos desígnios do poder. Ironicamente, ainda se pensam controladores dos acontecimentos, uma vez que dotados de conhecimentos, que os dariam condições de operar o mundo e decidir sobre a sua existência.

Entretanto, a abundância de conhecimentos possibilitados pelas informações não visam, e nem ao menos permitem, o saber. Isso porque são instantâneos e não ocasionam momentos de reflexão e contemplação, tão necessários à condição humana. Logo, as informações oriundas da indústria cultural podem, por vezes, implicar em conhecimento, mas não em sabedoria. Destarte, nos anúncios da indústria da informação o saber é simulado, atribuindo ao homem à execrável honraria de sábio de ilusão.

### IV REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel. **Comunicação e indústria cultural**. 5. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1987.

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. **Temas básicos de sociologia**. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix e USP, 1973.

ROUGEMONT, Denis de. **Informação não é saber**. Revista Internacional de Ciências Humanas, n. 4. Brasília: UnB, 1983, p. 23-35.